



De cada dez eventos farmacêuticos internacionais, na América do Sul, provavelmente Regina Pezoa Reyes esteja presente aos dez, como convidada. Todos querem ouvi-la falar sobre aquilo que é uma verdadeira obsessão sua: a atenção farmacêutica. Aliás, falar é sua arte, pois fala com paixão, eletricidade e conhecimento. Hoje, é uma das autoridades em farmácia clínica, no Continente. Outra explicação para ser tão requisitada está ainda no fato de ser uma ardorosa e intransigente defensora da atenção farmacêutica, no exato momento em que toda a América Latina rediscute o setor e conclui que os países da região precisam mesmo, com urgência, de incluir a atenção entre as suas prioridades, dentro da área de saúde. Pezoa é professora da Faculdade de Química e Farmácia da PUC do Chile e diretora do Departamento de Farmácia da mesma Universidade. É ainda diretora

PHARMACIA BRASILEIRA - É preciso que os governos engajem-se na causa da atenção farmacêutica, para que ela dê certo?

Regina Pezoa - Os farmacêuticos é que têm que encampar a luta e mostrar a importância da atenção farmacêutica à sociedade, convencê-la da necessidade de ela ter um profissional responsável pelos medicamentos, atendendo, permanentemente, nas farmácias. Além disso, os

farmacêuticos também precisam provar aos governos que a atenção farmacêutica é algo proveitoso para o Estado, pois reduz os seus custos com o sistema público de saúde e desafoga a assistência médica.

Deve-se pensar em um estabelecimento que preste uma atenção farmacêutica em várias especialidades, como pediatria, cardiologia, diabetes etc. As universidades onde os farmacêuticos estão nascendo devem precipitar essas transforma-

Paladina da atenção farmacêutica

Pelo jornalista Aloísio Brandão, editor de Pharmacia Brasileira

secretária da Federação Farmacêutica Sul-americana (Fefas). A experiência com o magistério em um País que experimenta, há uns dez anos, os efeitos positivos da atenção farmacêutica e a sua visão internacional adquirida com as suas idas-e-vindas pelo Continente servem para reforçar a sua convicção de que o farmacêutico tem que *virar a mesa* em favor da atenção. “Esse é o seu compromisso com a saúde pública”, explica. Acha que o farmacêutico não deve ficar esperando as bênçãos dos governos para deflagrar essa revolução, mas, em sentido contrário, deve precipitar a revolução para, em seguida, convencer os governos de que a atenção farmacêutica é positiva para a saúde pública e para o Estado. “Provando isso, o farmacêutico certamente passará a contar com os governos como seus parceiros”, ensina. Regina Pezoa alertou as universidades para a necessidade de serem partidárias dessa e de outras causas. A farmacêutica chilena esteve, em Brasília, participando da I Conferência Nacional de Educação Farmacêutica, realizada pelo Conselho Federal de Farmácia, de primeiro a quatro de agosto. Regina voltará, ao Brasil, para ministrar o curso “Farmacocinética clínica”, durante o XVII Congresso Pan-americano de Farmácia, que acontecerá paralelamente ao V Congresso Mundial de Farmacêuticos de Língua Portuguesa. Os dois eventos serão realizados pelo Conselho Federal de Farmácia, de 31 de outubro a três de novembro, no Rio de Janeiro. Serão uma promoção da Federação Pan-americana de Farmácia (Fepafar) e da Associação de Farmacêuticos dos Países de Língua Portuguesa (AFPLP). **Veja a entrevista.**

ções, criando essas especialidades. Para isso, devem buscar convênios com os estabelecimentos farmacêuticos, para, depois, mostrar os resultados aos governos.

Se os farmacêuticos assumirem a luta pela atenção farmacêutica e provarem aos governos que os resultados são positivos para a saúde pública, eu não tenho dúvida de que os governos ficarão sensíveis aos apelos dos farmacêuticos e se tornarão seus parceiros nessa revolução.



O Chile já está fazendo isso, de norte a sul. Algumas redes de farmácia já adotaram a atenção, por especialidades, como a hipertensão, a geriatria, o diabetes, o alcoolismo e a qualidade de vida. Esta última é uma especialidade muito importante. Nela, o farmacêutico atua, no sentido de orientar o paciente a fazer, por exemplo, o uso de uma boa alimentação, de práticas esportivas etc., de forma a melhorar a sua qualidade de vida.

No Chile, a experiência com a farmácia clínica ganhou apoio do Governo, quando os farmacêuticos mostraram-lhe que os gastos com medicamento de um grande hospital público que atende a grande parte da população de Santiago estavam caindo, enquanto a qualidade dos seus serviços melhoravam. Também, o tempo de permanência com internação diminuiu. Tudo isso, graças à adoção do sistema de dose unitária. Quem ganhou com isso foi a atenção farmacêutica.

PHARMACIA BRASILEIRA – Os medicamentos estão se sofisticando e empregando recursos tecnológicos e científicos cada vez mais modernos. Hoje, já não é mais novidade o uso do medicamento “inteligente”. Essa geração de medicamentos está cobrando a entrada no setor farmacêutico de profissionais mais qualificados?

Regina Pezoa - Sim. Os farmacêuticos devem se esforçar para responder a essa cobrança, sob pena de pôr em risco a saúde da população. Os medicamentos estão se sofisticando e a suas reações adversas ampliam-se, na mesma proporção, exigindo mais conhecimentos e mais humanidade do farmacêutico.

PHARMACIA BRASILEIRA - Como a senhora avalia a qualidade da informação sobre medicamentos, na América do Sul?

Regina Pezoa - Há informações

de vários níveis. Há muita informação comercial, que exageram sobre os benefícios do medicamento e diminuem, se têm que abordar as suas reações adversas. E olha que essas são as informações que os médicos têm em mãos. Mas o farmacêutico tem acesso a informações mais seguras e menos comprometidas com interesses comerciais. Aqui, no Brasil, nós reconhecemos o bom trabalho do Cebrim (Centro Brasileiro de Informações sobre Medicamento), do Conselho Federal de Farmácia.

PHARMACIA BRASILEIRA - A senhora tem falado sobre os grandes desafios da profissão farmacêutica, hoje e amanhã. Poderia citar e comentar esses desafios?

Regina Pezoa - Os desafios estão concentrados na realidade da profissão. Os de hoje giram em torno do farmacêutico, que precisa prestar informações novas, frescas. Esse farmacêutico necessita de tecnologia, de informática e de uma comunicação nova. Ele precisa de saber manejar esses meios e ter acesso a muita e boa informação. Diante disso, as escolas de Farmácia devem modificar as suas estratégias docentes, inserindo, no conhecimento dos estudantes, todas essas tecnologias e informações, como também a forma de utilizá-las.

Portanto, o grande desafio, hoje, é criar uma nova engenharia, uma nova infra-estrutura e uma nova metodologia. No Chile, nós já temos isso. São salas multimídia etc. Hoje, há 11 milhões de habitantes, no País, oito faculdade de Farmácia, sendo três em Santiago. Quatro delas foram criadas, recentemente. Existem 10 mil farmácias, no Chile. Mas faltam farmacêuticos. O Ministério da Saúde chileno, inclusive, autorizou a atuação de acadêmicos do último ano do curso de Farmácia, como uma forma de não deixar faltar a atenção farmacêutica, no País.

PHARMACIA BRASILEIRA - A senhora costuma falar sobre uma revolução a ser deflagrada pelo far-

macêutico, em favor da farmácia clínica. Como começaria essa revolução? Entende que a farmácia clínica é que recuperaria o espaço perdido pelo farmacêutico, ao longo dos anos?

Regina Pezoa - Sim. A revolução deve começar com a mudança de atitude. Uma mudança que leve ao comprometimento do farmacêutico com a saúde do paciente. Classicamente, onde está o farmacêutico? Está, normalmente, no fundo da farmácia, realizando trabalhos administrativos. Quem está, lá na frente, no balcão? O vendedor, que, sem ter conhecimentos, acaba virando um entregador de caixas de medicamentos. O resultado é que a atenção farmacêutica passa longe dali.

O vendedor quer sempre vender mais, pois ganha mais com isso. Porém o farmacêutico tem que estar à frente da farmácia, consultando o paciente e, com a sua inquietude e com seu conhecimento, passando ao paciente as suas informações, a exemplo dos riscos potenciais que há nos medicamentos. Também, sabendo dele (o paciente) coisas como, por exemplo, se ele está tomando outros produtos. Todo medicamento é um tóxico em potencial.

Já os desafios futuros são os de buscar os caminhos da ética, porque, cada vez mais, são muitos os perigos e sofisticados os medicamentos, o que aumenta os erros potenciais para a saúde dos pacientes, se não são usados bem. Esse é um compromisso do farmacêutico para com a saúde pública.

PHARMACIA BRASILEIRA - A senhora está otimista com as mudanças que estão sendo desencadeadas no setor farmacêutico, na América Latina?

Regina Pezoa - Sim. Penso que a nós, professores, compete o papel preponderante, que é o de introduzir à mente de nossos estudantes de Farmácia esses conceitos de compromissos com a saúde do paciente e o manejo ético com os medicamentos.